

# Alberto Araújo

(1909-1955)

**DESTACADO INTELECTUAL  
DIRIGENTE COMUNISTA  
MÁRTIR DA LUTA ANTIFASCISTA**



# Professor e militante comunista

Alberto Emílio de Araújo nasceu em Almada, no dia 14 de Dezembro de 1909, numa família da pequena burguesia local.

Esta sua origem social permitiu-lhe crescer sem sentir as dificuldades da maioria das outras crianças da sua terra. Ao contrário de muitos dos seus amigos de infância, conseguiu completar os estudos, licenciando-se em Filologia Clássica e Estudos Camonianos na Faculdade de Letras de Lisboa.

Desde cedo começou a sentir os problemas de saúde que o acompanhariam durante toda a vida, tendo estado mesmo internado por dois anos no sanatório da Guarda.



Alberto Araújo – terceiro a contar da direita

Foi em 1933, ainda estudante universitário, que Alberto Araújo abraçou definitivamente os ideais comunistas, aderindo à Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas e, no ano seguinte, ao Partido.

Nesse mesmo ano de 1934, foi eleito representante dos estudantes no Senado Universitário de Lisboa. Terminado o curso, tornou-se professor, ensinando em Castelo Branco e em Lisboa, no Liceu Pedro Nunes.

Corria ainda o ano de 1934 e já Alberto Araújo se tornara colaborador próximo de Bento Gonçalves, que reparara nas suas qualidades intelectuais e na sua sólida formação marxista-leninista. É neste período que juntamente e em estreita ligação com Bento Gonçalves, Secretário-geral do PCP, colabora na elaboração do «Avante!» e de outros materiais de agitação do Partido.



Almada – Largo Luiz de Camões. Foto da época

«Entre os estudantes que frequentavam a minha aula distinguia-se um rapaz moreno, alto, trajado de escuro, de aspecto adocentado: era Alberto Emílio de Araújo, da vila de Almada. Dotado de viva inteligência, iria longe na sua carreira, se não fosse a doença que o minava e a maldade dos homens do fascismo, que o levaram para o Tarrafal, donde voltaria, passados anos, para morrer.»

*Rodrigues Lapa*



Manifestação de protesto em Almada devido à falta de pão. 1961 (Ano da fundação do PCP)

«Tivemos um extraordinário professor na cadeira de português, ainda jovem, mas de aparência frágil, que era adorado pelos estudantes pela competência e dedicação que punha no ensino e na relação connosco. Um dia esse professor deixou repentinamente de aparecer e com muita pena não soubemos mais dele. Só passados 30 ou 40 anos vim a saber o terrível drama que se passara: o professor fora preso pela odiosa PIDE e desterrado para o campo de concentração do Tarrafal, não sobrevivendo muito tempo. Este homem era (...) Alberto Araújo, membro destacado do Partido Comunista Português.»

*Nuno Teotónio Pereira*







# O fascismo consolida-se

Os anos desde a entrada de Alberto Araújo no PCP até aos meses em que integrou o Secretariado foram particularmente difíceis para os comunistas e para todos quantos resistiam ao fascismo, que se consolidava e cujo avanço, em Portugal como um pouco por toda a Europa, parecia imparável.

Tomando como modelo o fascismo italiano e, mais tarde, o nazismo alemão, a ditadura fascista portuguesa cedo deixou claro o seu carácter antipopular e anti-operário, abolindo o horário de oito horas, suprimindo o direito à greve, reprimindo lutas e protestos, acabando com as liberdades de imprensa, reunião e organização.

Depois de, em 1930, ter sido criado o partido único fascista, a União Nacional, Salazar formulou, em 1932, a sua concepção de «Estado forte»: reforço dos poderes do governo, abolição dos partidos e interdição dos sindicatos, manutenção e reforço da censura, modernização da polícia.

Nesse mesmo ano, seria criada a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE). No ano seguinte, a Constituição fascista entrou em vigor e, em 1934, foi a vez de ser aplicado o Estatuto do Trabalho Nacional, copiado da Carta del Lavoro de Mussolini, que instituiu a fascização dos sindicatos. Dois anos depois, seriam criadas a Legião e a Mocidade portuguesas e abria o Campo de Concentração do Tarrafal.



Operários presos em Alentejo, Lisboa, 1937

**AVANTE!** PROLETARIOS DE TODOS OS PAÍSES UNIVOS!



ANZ 1—Numero 1

Órgão Central do Partido Comunista (S. P. da I. C.)

15 de Fevereiro de 1931

**CAMARADAS:**

A persistente repressão que vimos tomando por parte do governo, apoiado em forças mercenárias, que têm como único objetivo a satisfação da sua vaidade, e orgulho de ter galões, sem a menor consciência pela dor e pela morte que o povo sofre, levou o F. C. P. a desenvolver uma maior ação revolucionária, dependendo-o a lutar, sem distinção, pelas sagradas direitos do proletariado, mantendo-o

Impensabilidade de falar ou de escrever, por uma censura estúpida, draconiana e caprichosa perseguido por toda a parte, sem menor pretexto, sem qualquer alibi, o povo, cada vez mais, revoltado e expulso, desabona-se contra a minoria, praxeiramente declarada predominio de uns poucos senhores, que detêm a riqueza e o poder político; e as injustiças, que são a característica de Portugal no momento presente, ao povo, dinâmico, violento, obrigam a multiplicar as suas forças, além de, terminas, violentamente.

O F. C. P. não pode permitir, com a sua passividade, que as

colônias se encontram pejudicadas: considerados indesejáveis ao lado das suas ideias políticas; que os paratenses chegam por muito tempo a estes quarteis, que ocorrem na deportação, ou de longe, as que conseguem manter-se na metrópole; que contribuíam continue suportando os impostos governamentais para receberem a reis que nunca chegam, de para manter um mercado decorativo e impotente.

Importa-se-nos a dever de protelar ainda a desmoralização das ~~forças~~ policiais, organizada tão simplesmente para anular os trabalhadores indolentes, que não cometem outro delito.

Um órgão da imprensa se não tornava indolentemente para denunciar ao povo português todas as freguesias, todas as maldades e todos os crimes que contra ele se praticam diariamente. Este órgão será AVANTE! que surge da sombra da clandestini-

dade, mas que denominará a comissão que o proletariado português

devem seguir para alcançar o poder político e consenso de país, para alcançar a sua emancipação.

A política reacionária de Cruzmonte e seus complices, colocados todos os portugueses ante o dilema de escolher, entre a guerra sem quartel às instituições e princípios que as sustentam, ou manter ingenuamente sob o seu despótico domínio, com a lâbia enganosa dos cobardes.

Para as estas duas perspectivas, o P. C. P. opta pela primeira, certa de que tratará bem finalmente as imagens do povo trabalhador e da nossa nação do exercício que não se erga a classe

O P. C. P., a partir deste momento, ergue a sua bandeira revolucionária, ao grito de rebelião das massas escravizadas, recordando ao seu povo todos os fundamentos da povo português, que põe de frente contra os tiranos insensíveis, responsáveis do caos

Protestamos contra a acção revolucionária, independente de qualquer colaboração com outras paróides, posto que, a responsabilidade e o menos credo politico nos proíbem a enligação com forças alheias ao proletariado.

Sou o claro, chamando os que sabem e incorporam-se nas fileiras revolucionárias. O P. C. P., consciente da sua grande responsabilidade ante a próxima revolução, coloca-se desde já na

É indispensável organizar as forças de choque, que irão derrotar a burguesia do pedestal que a suporta. AVANTE! que é um dos slogans infantis dos que lutam contra a estado no

Apelamos chamotisticamente para todos os que se encontram impregnados de chama evolucionária, no sentido de que agiram fortemente a favor da justiça, que o F. C. P. domine, neste momento, de disciplina rápida e radica.

(Continued on 2<sup>d</sup> page)

«Tem-se menosprezado muito o esforço tenaz e as provas de abnegação e coragem dadas nesses duros anos de luta pelos camaradas que, por força das circunstâncias, foram chamados à Direcção. Estão quase esquecidos muitos dos êxitos dessa época, muitas lutas brilhantes, muita experiência de trabalho. A formação da Frente Popular, os sucessos da organização militar culminando na revolta dos marinheiros de 1936, a amplitude do movimento estudantil, o intenso trabalho de agitação e propaganda nos anos de 1937-1938 com o *Arante!* saído semanalmente, a criação de um novo espírito de firmeza perante as torturas e maus tratos da polícia, a elevação do nível ideológico no trabalho de direcção.»

Álvaro Cunhal





Destacado dirigente do PCP, Alberto Araújo viajou para Paris em 1937, com o objectivo de contactar o movimento comunista internacional, atravessando a Espanha que vivia já o pesadelo da guerra civil.



No Tarrafal, Alberto Araújo sofreu as maiores privações e violências. A sua saúde, que era frágil, agravou-se fruto dos trabalhos forçados e dos castigos de que foi alvo. Era chamado a fazer tudo o que a sua saúde não permitia que fizesse e por várias vezes foi enviado de castigo para a «Frigideira». Apesar de todas as violências, ainda encontrou forças para ajudar a elevar o nível cultural e político dos seus camaradas presos, dando aulas de português e francês.

«Daqui ninguém sai com vida... Quem vem para o Tarrafal vem para morrer.» Era desta forma que o primeiro director do Campo de Concentração do Tarrafal, Manuel dos Reis, recebia os presos que para ali eram enviados. E por ali passaram, entre 1936 e 1954, 340 antifascistas portugueses, que ali cumpriram dois mil anos, onze meses e cinco dias de violento cativeiro. Trinta e dois perderam a vida no famigerado «Campo da Morte Lenta». Outros, como Alberto Araújo, perderam o que restava da saúde.

8923

Sinais particulares

Altura 1,70  
Ces Natural  
Nacionalidade Portuguesa

Nome e apelido Alberto Emilio de Araújo

Estado S Profissão Professor

Naturalidade Almada Data de nascimento 14-12-909

Filiação Júlio José de Araújo e da Conceição da Assunção da Silva Araújo Residência Alf. Melhores Soldado H - Almada

Cópias indicadas 2 - C. P. 421/38, enviado ao T.M.E em 31-1-38 por Salto

Nome do processo de autores ou documentos apreendidos

diploma nº II

BIOGRAFIA PRISIONAL

Presa pela 4ª F. em 28-11-937 para acusações relacionadas a uma esquadra incomunicável (nº 323) entregue à Prisão em 28-11-937 (nº 323) entregue novamente às S.F.S. em 11-1-1938.

Transferido para a cadeia de Alameda e libertado em 22-2-

«O jovem professor (...) Alberto de Araújo, foi, a par de muitos outros, vítima do ódio do capitão João da Silva, de Esmeraldo Pais Prata, o médico, de Seixas e seus subordinados (...) No dia seguinte ao da sua chegada, Alberto de Araújo, que nem tinha forças para levantar a enxada, foi obrigado a cavar de manhã à noite. Cavava e vomitava, transtornado pelo esforço monstruoso que fazia sob o calor de um sol intenso, coberto de poeira, enquanto o guarda o ameaçava se não trabalhasse mais depressa. Dois dias durou esta tragédia. Alberto de Araújo teve a sorte de torcer um braço e por isso não pôde continuar o trabalho. Seixas ficou furioso. João Silva também.»

*Cândido de Oliveira*





# De volta a Almada

Na sequência da derrota do nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial, o governo fascista português viu-se forçado a conceder uma amnistia. Muitos presos foram libertados, entre os quais Alberto de Araújo, que deixaria o Tarrafal em Dezembro de 1945, vários anos depois de ter terminado a pena a que o haviam condenado. Com a saúde totalmente arrasada, não pôde retomar a intensa actividade política que antes desempenhara.

De volta à sua Almada natal, ainda encontrou forças para abrir uma escola de Português na centenária colectividade Incrível Almadense e para participar em inúmeras actividades culturais, recreativas e políticas.



A Grande Roda, Almada 1947. Início do MUD Juvenil



Manifestação em Lisboa saudando o fim da guerra, 1945

«Anos volvidos, tendo ele conseguido sobreviver, embora fisicamente destroçado, aos tormentos de que foi vítima, como tantos outros antifascistas, no Campo de Concentração do Tarrafal, estou a vê-lo na Incrível Almadense, participando numa sessão do MUD com o maior entusiasmo, mas apagando-se humildemente, anonimamente, entre a multidão de participantes, como se fosse um cidadão qualquer e não o homem de grande talento e de extrema bondade que tudo sacrificara – a saúde, o bem estar, o futuro de distinto professor universitário – em defesa dos verdadeiros interesses do povo.»

*José Carlos Pinto Gonçalves*



Alberto Araújo com o pai – João Araújo e Maria de Lurdes no jardim de Almada, hoje jardim Alberto Araújo. Sete meses antes do seu falecimento. Informação de Romeu Correia

# A morte antes de tempo

No dia 19 de Março de 1955, com apenas 45 anos, Alberto Araújo morreu no Hospital de São José, em Lisboa. Três dias depois, seu corpo atravessou o Tejo de barco, rumo a Cacilhas, com a bandeira nacional a meia-haste. A esperá-lo estavam dezenas de amigos e admiradores.

Aos poucos, o cortejo adensou-se e o seu funeral transformou-se numa imensa manifestação antifascista e de admiração por um homem firme, coerente e corajoso, que nem a frágil saúde impediu de lutar contra o fascismo, pela liberdade e pela democracia.

Não constando habitualmente na longa lista de mártires assassinados pelo fascismo, a vida deste professor almadense foi encurtada pela violência e maus tratos sofridos no Tarrafal.



«Quando o corpo foi depositado na carreta, o número de acompanhantes subiu para centenas.

Dos estaleiros vizinhos, das ruas próximas, das lojas, homens, mulheres e crianças, surgiram como se o medo os abandonasse. Chovia mais, os astros ainda mais carregados e inclementes nesse início de Primavera de 1955. Alguns homens vinham ainda com os fatos de ganga, sujos e remendados.

Era a comovia homenagem do povo trabalhador de Almada a um irmão que dera a própria vida por mais justiça, mais pão, mais amor e liberdade.

O carro fúnebre entrou na vila seguido agora por uma multidão que nunca deixara de engrossar.

Parou junto do seu modesto rés-do-chão.

O comércio encerrou as portas. Por detrás de algumas vidraças, puxando as cortinas, havia gente antiga da terra que, amedrontada, espreitava e chorava.

As colectividades (que ele nunca frequentara antes da sua prisão) tinham o estandarte descido como prova de sentimento pelo grande amigo perdido.

No Campo de São Paulo, o corpo fora levado em ombros por vários turnos de amigos e admiradores.»

*Romeu Correia*







## Uma vida que permanece

Alberto Araújo permanece hoje, um século após o seu nascimento e mais de cinquenta anos depois da sua morte, como uma figura ímpar do concelho de Almada e da heroica resistência antifascista em Portugal. O seu nome está hoje na toponímia da cidade, então vila, que o viu nascer e a casa da sua família está assinalada com uma placa.

No Jardim de Almada, hoje com o seu nome, foi erguido um busto, após subscrição pública, «homenagem do povo do concelho». Também o Centro de Trabalho do Partido Comunista Português, a que tanto das suas energias e capacidades deu, na Rua Capitão Leitão, em Almada, tem o seu nome.



Num tempo em que os direitos democráticos alcançados pela Revolução de Abril retrocedem; em que se procura branquear a ditadura fascista e a sua natureza de classe; e em que se pretende apagar o papel ímpar dos comunistas na resistência, na mobilização de massas e no processo revolucionário; em que se pretende criminalizar os ideais e o projecto comunistas; lembrar o exemplo de dedicação e entrega de Alberto Araújo e de muitos outros destacados dirigentes e militantes comunistas é fundamental para continuar a luta contra as injustiças e pela construção de uma sociedade mais justa, mais humana e mais fraterna – o socialismo e o comunismo.